OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 80

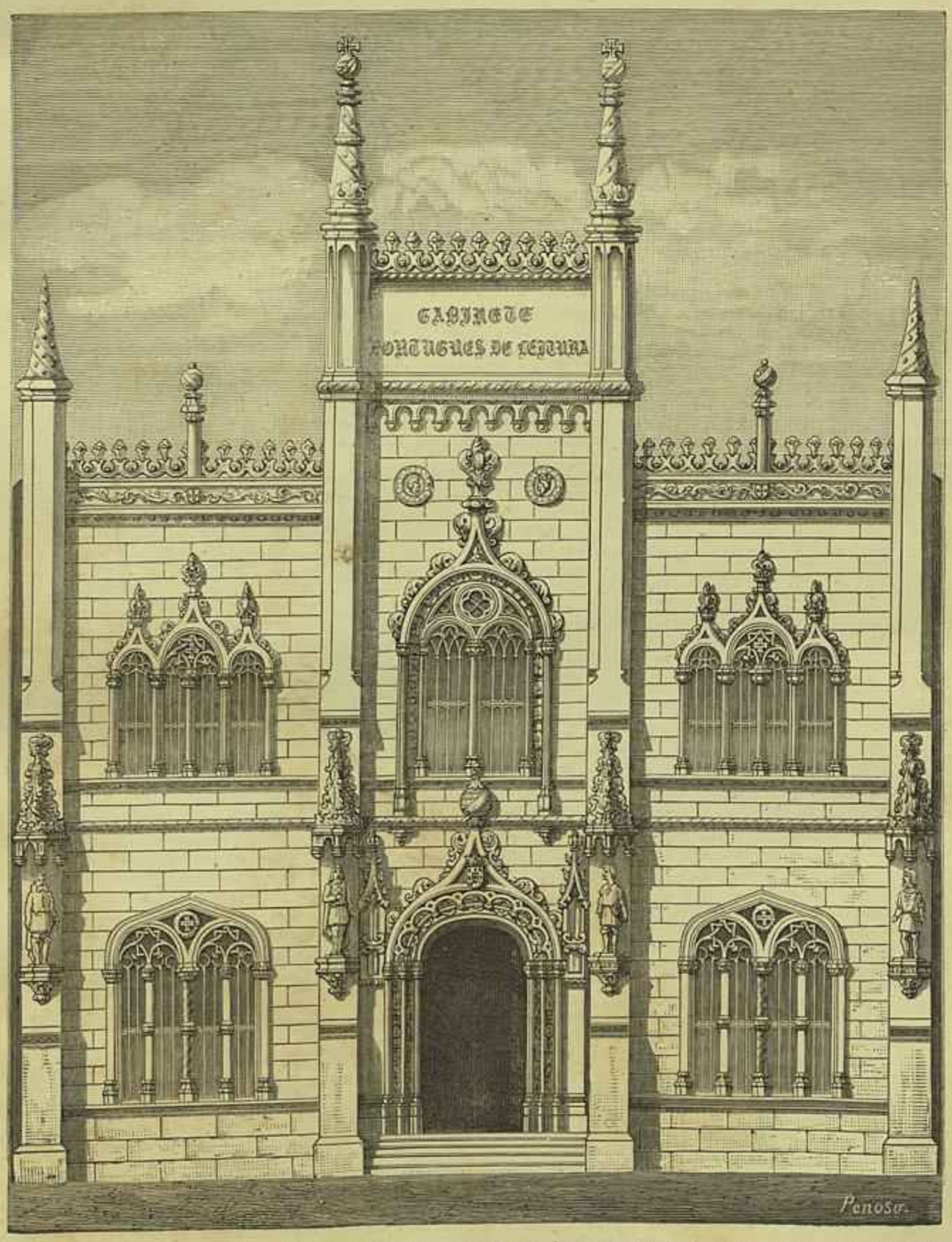
11 DE MARÇO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.



FACHADA DO NOVO EDIFICIO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO — Segundo o Projecto do Architecto o sr. Raphael da Silva Castro

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, Gervasio Lobato — O gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro e o tri-centenario de Camões, G. L. — Francisco de Sá Noronha, Filippe do Amaral — O marquez de Fronteira e de Alorna — As nossas gravuras — A guerra do Transvaal, o Triumvirato Boer, Augusto de Castilho — O Mephistopheles de Arrigo Boito, Filippe do Amaral — Os congressos anthropologico e litterario, trabalhos dos congressos, R. — Finis, Francisco d'Almeida — Notas soltas, fr. Francisco de Jesus Christo, Jacintho Perez — Publicações.

GRAVURAS. — Fachada do novo edificio do gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro — Directores do gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro — Francisco de Sá Noronha — Lisboa, mercado occidental em S. Bento — Guerra do Transvaal, S. J. Paulo Kruger, P. J. Jouber — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tem andado muito agitados os espiritos, n'estes dias, os espiritos e os cavallos da municipal.

Nas ruas conversa-se animadamente, sobre os destinos da patria, e os velhos de Tolentino sahiram do alto de Santa Catharina e desdobraram-se por toda a cidade desde a Triste feia até á calçada dos Barbadinhos.

Um dia espalhou-se que a hydra da revolução andava a passear pelas ruas da cidade, e toda a gente cheia de curiosidade correu a vêr a hydra como corre a vêr a procissão dos Passos da Graça, mas no fim de tudo em parte alguma se viu a terrivel bicha, em compensação viu-se por toda a parte o sr. general Macedo.

O aspecto da cidade n'estes dias tem sido animado e pittoresco, parece a continuação do carnaval com mais aceio e menos bisnagas.

Em todas as boccas não ha senão um nome, em todos os corações uma grande paixão entranhada:—Lourenço Marques;[1] toda a cidade foi uma bella manhã acommettida d'um profundo amor delirante por esse longiquo territorio, e Lisboa inteira tremendo de indignação á idéa de que o os inglezes se apossassem d'elle, perguntava pela bocca pequena, anciando curiosidade:

— Mas quem demonio é esse homem, esse tal Lourenço Marques que dá tanto que fallar agora?

E entretanto, emquanto a camara vota o tratado de Lourenço Marques, e o paiz faz *meetings* contra esse tratado a primavera vem entrando por Portugal dentro, as arvores começam a rebentar, o ceu veste-se d'azul em quanto a cidade principia a vestir-se de vermelho, os passaros começam a cantar nos troncos emplumados emquanto a marselhesa começa a ser *fredonnée* pelas ruas da baixa com acompanhamento de apito, e a natureza, as arvores, os passaros, o ceu saudam março com mais enthusiasmo do que o sr. Magalhães Lima foi saudado no Rocio.

E nós achamos muita rasão á natureza, muita mais que a esse povo que tendo uns dias soberbos para gozar, um ceu explendido e uma brisa dulcissima, impregnada dos aromas das flores que arrebentam, perdem o azul do ceu, os perfumes da brisa, e a luz clara do sol, mettidos em casas pequenas, onde a agglomeração de gente põe uma atmosphera insalubre, a fazer discursos politicos, e o que ainda é peior, a ouvil-os.

Não lhes louvamos o gosto, a patria não ganha nada com isso, e a saude perde immenso. Os *meetings* estão agora em moda, mas é uma moda anti-hygienica como o espartilho. Começaram pelas praças publicas, o velho galhiteiro do Rocio presenceou alguns, depois passaram para as grandes praças, — o campo de Sant'Anna que o diga — depois refugiaram-se nos vastos salões dos theatros, depois acomodaram-se nas pequenas salas particulares e agora até já se fazem em quintaes microscopios das casas da baixa, como se fazem fogueiras nas noites de S. João.

D'antes era costume cada familia matar o seu porco pelo S. Martinho, em sua casa e mandar a sangria ao visinho, hoje é do bom tom cada familia fazer o seu *meeting* no seu saguão e depois em vez de mandar a sangria ao visinho, mandar protestos ao parlamento.

São modas, e é muito possivel que a descoberta da trichina não seja de todo alheia a esta substituição.

— Prepara-se para uma das proximas noites uma brilhante festa de caridade, que deve marcar epocha entre as grandes festas de beneficencia de Lisboa.

E' um sarau litterario artistico musical, no salão da Trindade, promovido pela commissão de insulanos a favor das victimas dos ultimos terramotos da Madeira e Açores.

A idéa da festa é santa e dignissima: o plano é excellente, o resultado seguro e infallivel.

Reunem-se n'essa festa todas as condições d'um successo certo e ruidoso. A idéa que a ella preside, a commissão que a promove, os nomes dos artistas e dos litteratos que tomam parte na sua execução.

Folgaremos immenso que o resultado d'esse beneficio exceda ainda toda a espectativa, e associamo-nos de coração á honrosa e sagrada idéa que domina a commissão d'essa festa.

— Falla-se já muito em Lisboa nas grandes festas que Madrid prepara para solemnisar o centenario do grande litterato e dramaturgo hespanhol *Calderon de la Barca*. A associação dos jornalistas portuguezes reuniu já para tratar da maneira como a imprensa portugueza se deve fazer representar n'essa grandiosa festa litteraria. Com os festejos do centenario coincide em Madrid uma grande exposição internacional de Bellas Artes, para que já foram convidados officialmente todos os artistas portuguezes.

A exposição inaugura-se em abril e conserva-se aberta até ao centenario de Calderon que é em maio proximo.

E' de esperar que os artistas portuguezes se façam representar n'essa exposição, e que Portugal lhe envie tudo o que tem de melhor em Bellas Artes. A Academia expediu já officios convidando todos os artistas a enviarem-lhe os trabalhos que destinem á exposição, até ao dia 19 do corrente, trabalhos cujo transporte de ida e volta e acondicionamento ficará completamente a cargo do governo.

Sabemos que ha já muitos artistas inscriptos, e que essa exposição não será dos menores attractivos das grandes festas do centenario de Calderon.

— Os theatros de Lisboa depois da grande faina carnavalesca pozeram-se a descançar como o velho Jehovah depois de fazer o mundo.

O theatro de D. Maria foi passear pelos theatros de Aveiro e Porto o seu reportorio, e entretanto cá em Lisboa o sr. Amann aproveita a ausencia da companhia portugueza para depois de ter mostrado ao publico lisbonense o melhor pão de Vienna d'Austria lhe apresentar o melhor pianista do mundo, o celebre Rubinsten; o do Gymnasio, ensaia a toda a pressa um drama d'occasião *Os Jesuitas*; S. Carlos prepara a outra opera nova da estação, uma opera que a empreza dá generosamente de *pourboire* ao publico, o *Hamlet* de Ambroise Thomaz, nem mais nem menos; e a rua dos Condes, goza n'uma maré d'enchentes o *successo* da sua revista do anno.

D'esta peça e das outras dará conta aos nossos leitores o chronista theatral do Occidente, e nós deixando-lhe com muito prazer intacta a apreciação do *Valentim o diabrete* a nova opereta da Trindade, registamos apenas aqui a festa artistica de Anna Pereira, uma actriz de grande talento que é ao mesmo tempo uma cantora d'operetta *hors ligne*, para Portugal, e que tanto na operetta como na comedia occupa um dos primeiros logares na scena portugueza.

Os beneficios d'artistas d'esta ordem, tem as honras d'acontecimento n'uma terra pequena como a nossa, e apesar da opinião publica andar muito excitada, o nome de Anna Pereira triumphou ainda do de Lourenço Marques, o theatro encheu-se e a gentil artista foi victoriada como se em vez de cantar os couplets de Lacôme estivesse atacando o tratado com a Inglaterra.

Gervasio Lobato.

[1] Vide Occidente, vol. III, pag. 135 e 136

O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

E O

TRI-CENTENARIO DE CAMÕES

Chegou ha muito tempo a Lisboa o echo festivo da solemnisação do tri-centenario do cantor dos Lusiadas, no Rio de Janeiro. Foram deslumbrantes essas festas, devidas exclusivamente á iniciativa particular, á iniciativa briosa e intelligente do gabinete portuguez de leitura n'aquella cidade, uma solida, santa e progressiva instituição da colonia portugueza no Rio, de que em seguida daremos amplo conhecimento aos nossos leitores, e que teve sempre á sua testa os homens mais activos, mais patriotas, mais intelligentes da colonia portugueza.

Os nossos illustres compatriotas a quem coube a honra de estar á frente da direcção do gabinete por occasião do tri-centenario de Camões, e que deixaram os seus nomes vinculados para sempre á brilhante historia d'esse centenario foram os srs. Eduardo Lemos, José Joaquim Godinho, J. C. Ramalho Ortigão, irmão do eminente escriptor portuguez, Joaquim José Cerqueira, Albino de Freitas Castro.

O Occidente publicando hoje os retratos d'esses cavalheiros, presta uma justa homenagem a esses nossos benemeritos compatriotas que tanto honram e fazem honrar o nome portuguez no Brazil.

A elles e ao *Gabinete de Leitura Portuguez* se devem os festejos excepcionaes que durante quatro dias trouxeram alvoraçada, enthusiasmada, toda a população da capital do imperio.

Eis uma resenha muito rapida d'esses festejos.

O gabinete portuguez de leitura iniciou-os brilhantemente, no dia 10 de junho lançando a primeira pedra do seu novo edificio que vae construir na antiga rua da Lampadosa, chamada hoje rua Luiz de Camões

O plano d'esse novo edificio, de que damos hoje a fachada na nossa primeira pagina é devido ao intelligente architecto portuguez o sr. Raphael da Silva Castro.

A architectura, como se vê do nosso desenho, é no estylo manuelino. O edificio deverá constar de dois pavimentos devididos internamente em salas e gabinetes, tendo ao centro o grande salão da bibliotheca que deverá ser explendido. Este salão, illuminado por uma ampla claraboia, terá duas galerias de ferro preciosamente ornamentadas, e será em tudo digno da magnifica bibliotheca do *Gabinete* que é hoje uma das primeiras do Brasil.

A cerimonia d'inauguração assistiram o imperador e a imperatriz, todos os personagens mais importantes do imperio, da colonia portugueza, representantes de nações estrangeiras e um enorme concurso de povo.

N'essa noite houve no theatro de D. Pedro II o grande festival commemorativo, a que assistiram mais de trez mil pessoas, e despertou tal enthusiasmo na população que chegaram a vender-se logares de platéa a 100 e a 200 mil réis e camarotes a conto de réis.

A primeira parte do festival constou do discurso commemorativo feito pelo sr. dr. Joaquim Nabuco, a pedido da direcção do gabinete, da recitação da poesia *Camões* do sr. Jayme de Seguier, pela sr.ª D. Adelina Vieira, da poesia *Camões entre dois mundos*, do sr. D. Rozendo Moniz, recitada pelo seu auctor.

A segunda parte compoz-se da representação da peça em um acto *Tu só, tu, puro amor*,

expressamente escripta pelo sr. Machado d'Assis e desempenhada por Lucinda Simões (*Catharina d'Athayde*) e Furtado Coelho (*Camões*).

A terceira parte e ultima foi prehenchida pela execução de tres marchas, a marcha triumphal de Carlos Gomes, a marha elegiaca de Leopoldo Migueis, e a marcha heroica de Arthur Napoleão.

N'essa mesma noite a sociedade dos Positivistas celebrou o centenario de Camões no theatro do Gymnasio, havendo explendidas illuminações nas ruas principaes da cidade.

No dia 11 continuaram os festejos com o mesmo explendor, celebrando o *Retiro Litterario Portuguez* a sua sessão commemorativa no salão do Congresso Gymnastico Portuguez.

Na noite de 12 as iluminações foram mais surprehendentes ainda, e a mocidade academica realisou a sua numerosa e vistosa marcha Flambeaux, que percorreu muitas ruas sendo saudada com grande enthusiasmo.

No dia 13 houve em Botafogo a regata[1], e o fogo de artificio que foi d'um effeito magico.

Todas estas festas foram deslumbrantes, d'uma magnificencia verdadeiramente extranha e que são um titulo de gloria para todos que n'ellas tomaram parte activa, e sobretudo para aquelles que foram os seus iniciadores. Essa honra cabe ao gabinete Portuguez de Leitura, cujo presidente que em 17 de setembro de 1878 escrevendo ao sr. José Lousada, do Porto, tratava do centenario de Camões.

O relatorio do gabinete de 1878 trata do assumpto, e em abril de 1879 a direcção do gabinete encetou a correspondencia para Lisboa ácerca da sua edição dos *Lusiadas*, commemorativa do centenario.

N'essa explendida edição encontramos uma noticia historica do gabinete Portuguez de Leitura, assignada pelo sr. Reinaldo Carlos Montóro, noticia desenvolvida e bem feita d'onde vamos transcrever a historia d'essa forte e poderosa instituição, que fez os festejos do centenario sem auxilio algum official, que gastou por essa occasião em offertas e donativos mais de vinte e dois contos de réis sem o menor esforço do seu capital.

Vejamos a historia d'essa bella instituição a que a colonia portugueza no Brazil deve tantos e tantos beneficios.

«A 14 de maio de 1837 viam-se pessoas das diversas classes da emigração portugueza dirigir-se para a modesta casa da rua Direita, n.º 20, em que por cima da relojoaria Norris morava o dr. Coelho Lousada. Profunda preoccupação dominava esses espiritos que pareciam agitados e até divididos. Se os unia a idéa patriotica de formarem nucleo para a diffusão dos conhecimentos, dividia-os a differença de opiniões politicas, e o agrupamento de influencias locaes que sempre foram e são a doença democratica da colonia. Não ha que reparar, pois nas velhas e novas democracias em que o governo é realmente das turbas populares são sempre extremas as lutas de influencia pessoal.

«N'esse tempo as pessoas gradas reuniam-se em volta do conselheiro João Baptista Moreira, por muitos annos consul geral de Portugal, ou do dr. Coelho de Lousada.

«Entretanto combinaram-se para levar ávante a fundação do *Gabinete*, que consta da seguinte acta:

«Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Primeira sessão d'Assembléa Geral dos Accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura em o dia 14 de maio de 1837. Socios presentes 43.

«Os accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, reunidos em numero de 43, na residencia do accionista Antonio José Coelho Lousada, e estando presente o Encarregado dos Negocios da Nação Portugueza João Baptista Moreira, foi este senhor quem presidiu á Assembléa, chamando para 1.º Secretario Francisco Eduardo Alves Vianna, e para 2.º José Antonio Seixas. O 1.º Secretario pediu a palavra para expôr o estado da Associação, e sendo-lhe concedida apresentou a lista geral dos accionistas, que sobem a 189, tendo subscrevido por 404 acções, e em seguimento, offereceu á Assembléa um projecto de Estatutos, por elle organisado, e esta offerta foi recebida com especial agrado. O mesmo accionista fez a seguinte indicação: — Proponho que na falta de Estatutos, se adopte já o seguinte artigo do meu projecto: — O Conselho Administrativo da sociedade é nomeado em Assembléa Geral, e se compõe de sete membros; um Presidente, um Vice-Presidente, dois Secretarios, um Thesoureiro e dois Agentes. Posta em discussão, os accionistas Lousada e Luiz José da Silva mandaram á meza a seguinte emenda: «Proponho que fique prorogada a presente meza provisoria até á definitiva approvação dos Estatutos.» E entrando a emenda e a proposta em discussão, o Presidente depois de sufficientemente discutida a materia, poz a votos as seguintes questões: E da approvação da Assembléa que fique prorogada a actual meza provisoria?, e a Assembléa Geral decidiu que não. Interrogou o Presidenie mais: Deve proceder-se á nomeação de uma nova meza, composta de igual numero de membros?, e a Assembléa decidiu que sim. Em virtude d'esta deliberação, o Presidente fez proceder á eleição e a maioria de suffragios recaiu para Presidente, no sr. José Marcellino da Rocha Cabral; 1.º Secretario, Francisco Eduardo Alves Vianna, 2.º Secretario, José Maria do Amaral Vergueiro, os quaes tomaram os respectivos logares. O accionista Francisco Xavier Alvares, propoz que se nomeasse uma commissão de tres membros, além do accionista auctor do projecto de Estatutos, para o reverem e organisarem, e posto a votos foi approvado, e procedendo-se á eleição, reuniram o maior numero de votos o dr. Cabral, dr. João Joaquim Pestana, o dr. Almeida e Silva e Francisco Eduardo Alves Vianna. O accionista Francisco Xavier Alvares propoz se agradecesse ao sr. dr. Antonio José Coelho Lousada a urbanidade com que se tinha dignado tratar a todos os accionistas presentes, franqueando-lhes a sua casa. O Presidente, como interprete dos sentimentos da Assembléa, significou áquelle senhor, que os portuguezes alli reunidos se achavam penhorados pela civil e hospitaleira recepção que lhes havia feito o ill.^mo sr. dr. Antonio José Coelho Lousada. Não havendo mais cousa alguma a tratar, o Presidente encerrou a sessão, á 1 ½ horas datarde.

«Sala da sessão d'Assembléa Geral dos accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, aos 14 de maio de 1837.

«Assignado: José Marcellino da Rocha Cabral, Presidente — Francisco Eduardo Alves Vianna, Secretario. Está conforme, Henrique do Carmo Edolo, Secretario.»

(Continua) G. L.

[1] Vid. Occidente, vol. III, pag. 112.

FRANCISCO DE SÁ NORONHA

I

Não está ainda bem analisado o pouco, mas, por outro lado, o muitissimo que ha no que se chama uma *vocação*.

Uma *vocação* é toda uma natureza n'uma só ideia, ou n'um unico sentimento; é as forças inteiras da vida, as energias completas do espirito, trabalhando involuntaria e inconscientemente n'uma direcção apenas, dirigindo-se a um fim exclusivo, luminoso, que attrae, que arrasta por tal forma irresistivelmente, que nem ainda ás vezes quando já se corre para elle, se tem podido preparar bem as forças, armar as faculdades para a luta do caminho, e para a ascensão aspera do ideal.

Eis quanto a mim o que foi Francisco de Sá Noronha:

Uma grande vocação musical, um temperamento de artista notavel, que correndo para a arte, como para uma amante intuitivamente adorada, não poude, ao chegar junto d'ella, possuil-a n'um forte e viril abraço.

É este o perigo das vocações artisticas. Quem nasce cantando não julga ter de aprender a cantar. É porque o rouxinol nunca dará lições de harmonia, que o rouxinol nunca fará nem operas nem concertos.

A tentação é, sem duvida muito forte:

Sentir os sentimentos com as ondas do sangue que circula, atropelarem-se fortemente no coração, poder logo encontrar no pensamento formulas melodicas, que exteriormente os traduzam, e crear de momento uma alma como a nossa, mas sensivel a todos, faz depressa pôr de parte os methodos, os grossos volumes de harmonia, de contra-ponto, de instrumentação, os graves estudos que tem de ser feitos com frieza e em que o *officio* vem cobrir por inteiro, pesado e convencional, a arte fulgurante e apaixonada.

Em Noronha ha, criticamente, duas personalidades a caracterisar: a do violinista e a do compositor. Em ambas o que deixo dito me parece fornecer a completa explicação.

A espontaneidade do rabequista, a facilidade natural da execução, e a naturalidade com que o sentimento penetrava as melodias executadas, eram os grandes dotes de Noronha, sem que um estudo cuidado e perseverante tivesse nunca podido fazel-o chegar a essa suprema qualidade que só a escola e o classicismo musical, perfeitamente comprehendido, pódem dar: — o *estylo*.

Nas suas composições a espontaneidade melodica do primeiro momento predominava sempre, ou antes, muitas vezes, existia só. A natureza meridional de Noronha encontrava immediatamente, sob cada sentimento, como sob cada situação, um canto, que frequentemente era mais a expressão que elle tinha no espirito, prompta e feita, de que a legitima e logica symbolisação do pensamento especial evocada pela obra a pôr em musica.

Educado pelas suas proprias tendencias, n'um meio defficiente, sem bons e auctorisados exemplos e sem boa direcção artistica, Sá Noronha chegou a uma edade em que os vicios constituem systema e em que as fraquezas tem já alterado o juizo e a consciencia.

A instrucção musical incompleta de Noronha, fazia-o já por fim não apreciar justamente o que outros produziam trabalhado e completo.

Se quizermos filiar as suas obras n'alguma escola que principalmente lhes caracterisasse o estylo, podemos afoitamente indical-o como um inspirado da musica italiana de Verdi na segunda e terceira maneira d'este mestre.

II

Mas, é indispensavel n'este ponto esboçar uma das feições mais importantes da physionomia do talentoso artista.

Todo o paiz que tem nas producções espontaneas do povo formas musicaes ou poeticas possue, por isso mesmo, os elementos essenciaes d'uma arte e d'uma litteratura nacional. As creações conscientes precisam depois desenvolver, deduzir, mas conservar sempre o sentimento original ethnologico.

Ha, sem duvida, uma musica original portugueza, por ora ainda, apenas, nas suas fórmas populares.

Sá Noronha tinha no seu espirito a fórma, o instincto d'esse estylo nacional, que está ainda por formar entre nós, e que espera, nas melodias do povo, que um dia definitivamente o tragam para as producções conscientes e sahias.

As composições de Sá Noronha, as suas phantasias, as suas operas, estão cheias, por entre as reminiscencias italianas, de trechos cujo fundo, cujo colorido especial, é inteiramente portuguez, peninsular d'aquella fórma melancolica, mais severa e mais sobria, que distingue a nossa musica da forma andaluza que principalmente caracterisa o que se chama a musica hespanhola.

Sá Noronha tinha uma grande sympathia pela musica popular, original, dos differentes povos. Do Brasil, e de quasi todos os territorios que visitara nas suas viagens pela America do Sul, trouxera melodias, sobre que fazia algumas composições excellentes de estylo imitativo. É notavel a phantasia para violino chamada *Los tristes del Peru* em que se pinta com cores indigenas, o costume d'aquelles povos que descantam as suas magoas e as suas saudades em flautas feitas dos *femures* das pessoas mais amadas.

As producções de Sá Noronha são numerosas. Não pretendo de modo algum apresentar d'ellas lista completa.

As operas mais conhecidas chamam se: *O Arco de Sant'Anna*, extrahido do romance de Garrett;

Beatriz de Portugal, do *Auto de Gil Vicente*, de Garrett;

O Faisca, operetta;

O Tagir, da *Virgem Guaracuaba* de Pinheiro Chagas;

Se eu fosse rei, sobre o mesmo *libretto* da opera de Auber;

A rainha dos Bohemios;

A princeza dos Cajueiros sobre um *libretto* de Arthur Azevedo. Foi a ultima opera cantada no *Phenix dramatica* do Rio de Janeiro em março de 1880.

O Arco de Sant'Anna foi a unica opera cantada no theatro de S. Carlos em Lisboa.

O tenor Mongini não quiz cantala, na repugnancia natural que teem os cantores estrangeiros a aprenderem operas que fóra de Portugal não podem servir-lhes de reportorio. O publico portuguez desfeitiou então o seu artista querido, n'uma explusão de arte patriotica e fez, á obra de Noronha, um grande mas passageiro triumpho.

III

Francisco de Sá Noronha nasceu em Guimarães em 1823. Morreu no Rio de Janeiro a 23 de janeiro de 1881.

A sua vida é profundamente melancolica: um caminhar permanente para o ideal sem ter forças para o attingir, e uma lucta com as necessidades physicas incessante para que não bastava o talento nem o trabalho.

No Porto, onde Sá de Noronha, era talvez, n'um grupo notavel de artistas, a mais bem dotada organisação de melodista, a sua vida não foi prospera, nem mesmo artisticamente, muito considerada.

Nas suas peças de rebeca e nos seus concertos publicos muitas vezes em que, tocava com as sedas soltas do arco, imitando vozes de mascaras e animaes, sentia-se a necessidade do artista que, para o grande publico, condescende em fazer-se, por momentos, arlequim.

Da sua infelicidade fica, como documento, uma lenda melancolica:

Por muita gente Sá Noronha era considerado como sendo o que os italianos chamam um *gettator*, isto é um homem perseguido pela fatalidade e que a traz comsigo a todos os sitios onde se estabelece, a todas as emprezas a que se associa.

Mais d'uma vez emprezas de theatros que lhe admiravam o talento e lhe queriam aproveitar os serviços, deixaram de o fazer, abandonando-o em más circumstancias, pelo temor supersticioso da sua má sina.

E assim acabou uma das mais notaveis organisações musicaes que Portugal tem produzido.

Filippe do Amaral.

O MARQUEZ DE FRONTEIRA E DE ALORNA

Falta de espaço nos não permittiu addicionar no nosso ultimo numero, ao elogio do fallecido Marquez de Fronteira, com que nos mimoseou o sr. Bernardo Pinheiro, os traços historicos e chronologicos que completam a biographia d'aquelle respeitavel ancião.

D. José Trasimundo de Mascarenhas Barreto, 7.º marquez de Fronteira, 5.º marquez de Alorna, 8.º conde da Torre, 7.º conde de Assumar, Senhor de Coculim e Verodá na India, 13.º morgado de Gocharia, vedor da casa real, par do reino, general de divisão reformado, grã-cruz de varias ordens portuguezas e estrangeiras, nasceu em Lisboa a 4 de janeiro de 1802, sendo filho de D. João de Mascarenhas Barreto Pallia, 6.º marquez de Fronteira e da marqueza D. Leonor Benedicta d'Oliveira e Lorena, condessa de Oyenhausen. Na edade de quatro annos succedeu na casa a seu pae, fallecido a 24 de fevereiro 1806.

Assentou praça no regimento de infanteria n.º 4 em 1818, e foi despachado alferes para n.º 1 da mesma arma em 1820, e logo nomeado ajudante de ordens do general Sepulveda, um dos fautores do movimento liberal d'esse anno.

N'esta posição se conservou até que, pelos successos bem conhecidos de 1823, e tendo sido baldados todos os exforços para impedil-os, o marquez já então passado á arma de cavallaria, foi mandado servir no regimento 7 d'essa arma, e logo no anno seguinte transferido para o n.º 4.

Achava-se servindo n'este regimento quando um novo movimento levantado pelo infante D. Miguel, a 30 de abril d'esse anno, produziu os effeitos conhecidos de todos. Começando então uma certa febre de perseguições, foi o nobre marquez, já muito conhecido por seus sentimentos liberaes, preso na Torre de Belem e transferido, não sem risco, para a praça de Peniche.

Terminado esse estado de coisas com a sahida do infante para fóra do reino, foi o marquez solto.

Não satisfeito porém com a ordem dos negocios publicos, obtida a necessaria licença, deliberou-se a viajar. Visitou a França, Allemanha, Italia, Suissa, Inglaterra, por onde se demorou até depois do fallecimento de D. João VI.

Quando já governava a infanta D. Isabel Maria, em nome de seu irmão D. Pedro IV e de sua sobrinha D. Maria II, voltou o marquez a Portugal e foi collocado ás ordens do conde de Villa Flor. Tendo-se já levantado algumas partidas que pretendiam derrubar o systema constitucional, andava o conde de Villa-Flor empenhado em debelal-as, o que com effeito conseguiu, distinguindo-se sempre em todas as acções o seu bravo ajudante de campo.

Chegara o marquez á maioridade, pelo que tomou assento na Camara dos Pares a 5 de janeiro de 1828.

Haviam antes rebentado os acontecimentos de julho de 1827, e o marquez foi um dos que mais trabalhou para que a ordem fosse mantida na capital.

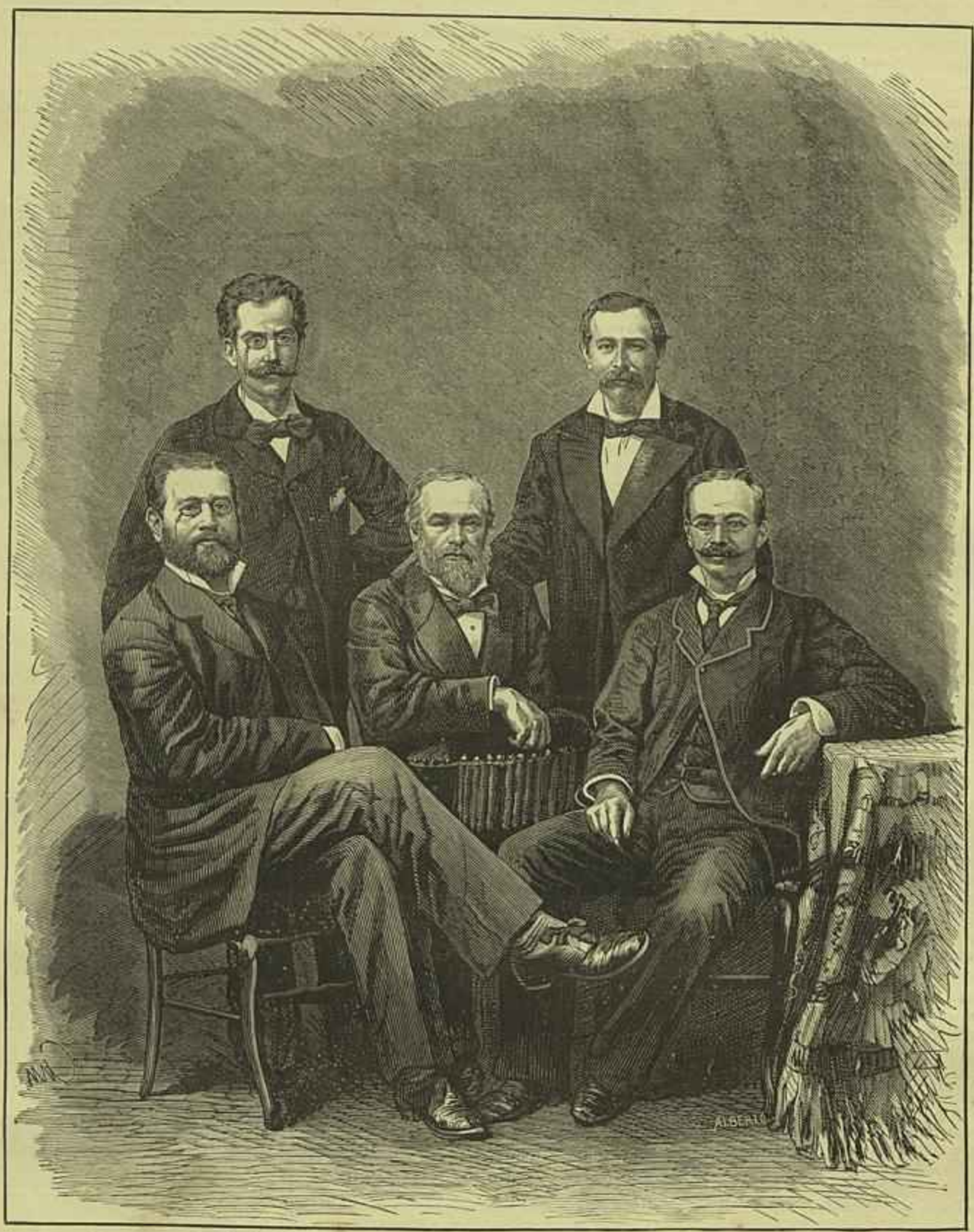
Ao procedimento largo e generoso de 1820 a 1822, succedera porem um periodo de intrigas e baixas paixões, e o marquez foi accusado de ter entrado em uma conspiração para obrigar a infanta-regente a nomear outro ministerio. Foi processado e chamado á barra da Camara dos Pares, onde se defendeu, sendo absolvido no mesmo dia em que o infante D. Miguel entrava a barra de Lisboa como logar tenente de seu irmão e de sua sobrinha.

Este erro politico, cujos resultados o marquez logo previu, incitaram-n'o a expatriar-se, experiente, como já estava, do destino que o esperava na patria.

Os successos posteriores justificaram o seu procedimento.

Partiu para Londres, indo depois fixar a sua residencia em Pariz.

Tendo sido ahi acommettido de uma grave doença, não pôde tomar parte na expedição do Belfast, nem, passado algum tempo, nas expedições intentadas para os



Joaquim José Cerqueira — José Joaquim Godinho

J. C. Ramalho Ortigão — Albino de Freitas Castro — Eduardo de Lemos

DIRECTORES DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO (Segundo uma photographia)

Açores; mas logo que aquella se effectuou fez declaração publica perante a embaixada de Portugal contra os successos de Portugal, e de adhesão á legitimidade de D. Pedro IV e de sua filha, o que tambem fez constar pela imprensa. O resultado d'este acto foi o governo de D. Miguel sequestrar immediatamente todos os bens do marquez existentes em Portugal.

Para convalescer da sua grave enfermidade foi de novo viajar pela Italia e Allemanha. Completamente restabelecido acompanhou D. Pedro na expedição aos Açores, tomando parte, de novo como ajudante do conde de Villa-Flor, em todos os successos de guerra; desembarcando nas praias de Arnosa de Pampellido (erradamente ditas do Mindello), acompanhou o exercito constitucional na perseguição do miguelista, tomando parte brilhante na acção de Ponte Ferreira, pelo que foi condecorado com a medalha da Torre e Espada.

Fez parte da expedição do duque da Terceira ao Algarve, tendo seguido todo o movimento até Cacilhas, onde combateu brilhantemente no combate de 23 de julho, no qual foi derrotada a divisão commandada por Telles Jordão, entrando no dia seguinte em Lisboa, abandonada pelas hostes miguelistas.

Continuou ás ordens do duque até Evora Monte, d'onde, feita a convenção assaz conhecida, foi com grave risco de vida á praça de Elvas communicar este resultado á infanta D. Isabel Maria, que, em todos os successos d'este periodo politico e ainda depois, se houve sempre com uma dobrez pouco conhecida, mas muito notavel.

Foi por este tempo promovido a capitão para o 1.º esquadrão do regimento de Lanceiros, sendo elevado em 1836 ao posto de major.

Exercendo ainda varias commissões militares foi promovido em 1842 a Tenente Coronel.

Em maio de 1846 foi nomeado governador civil de Lisboa, pelo governo do conde de Thomar, pedindo a sua demissão, logo que, vingada a revolução d'esse anno, subiu ao poder a situação organisada pelo duque de Palmella.

Depois da chamada emboscada de 6 de outubro, que arrancou o poder áquelle gabinete, foi de novo nomeado para aquelle cargo, que exerceu até abril de 1851, com um pequeno intervallo em que d'elle foi exonerado em 1848.

N'esse cargo houve-se com cordura e firmeza, e com quanto os seus correligionarios politicos gabassem a sua administração, é certo que os partidos contrarios accusaram então o governador civil de Lisboa, de despotismos e rigores demasiados no exercicio das suas funcções. Não nos compete fazer o processo do governo d'esse tempo.

O Maestro Francisco de Sá Noronha — Fallecido no Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1881

(Segundo uma photographia de Avellar)

Desde 1851, que o marquez apenas figurava na scena politica como par do reino, e a sua vida era passada pelo modo que refere o artigo a que no principio nos referimos.

Assim o veio encontrar a morte que o roubou aos seus amigos e protegidos a 19 de fevereiro no corrente anno, na sua casa de Bemfica, onde ha muitos annos residia, sendo sepultado, em jazigo proprio no cemiterio d'aquella freguezia.

AS NOSSAS GRAVURAS

MERCADO OCCIDENTAL

Representa a nossa gravura um dos mais uteis estabelecimentos com que nos ultimos tempos tem sido dotada a capital.

Referimo-nos ao mercado *Occidental* situado na rua de S. Bento, e inaugurado no primeiro dia d'este anno.

Foi este edificio construido sem subsidio algum pela *Companhia dos Mercados e Edificações Urbanas*, que tem o direito de o explorar por cincoenta annos, no fim dos quaes será entregue á camara lisbonense, bem como o mercado *Oriental*, situado no Campo de Santa Clara, que pertence á mesma empreza e está em exploração desde outubro de 1877.

Esta companhia que se encarregou de supprir a falta de mercados de viveres nos bairros extremos da cidade, falta por tantos annos notada e deplorada nas conversações quotidianas e na imprensa periodica; e que, além d'isso tentou, embora com meios deficientes, remediar a carestia das rendas, edificando casas para pobres e remediados; offerece um exemplo de civismo e desinteresse, que em companhias industriaes se póde considerar senão inaudito pelo menos raro.

O estado, a camara e os municipes, cada um na esphera da sua acção, deviam corresponder aos enormes sacrificios d'esta util empreza, concedendo-lhe por todos os modos possiveis, o apoio de que tanto carece quem se propõe realisar emprehendimentos que exigem grande e demorado desembolso, apenas compensavel por lucros tardios e contingentes, para conseguir os quaes lhe é mister crear novos habitos, combater usos inve-

LISBOA. — O Mercado Occidental em S. Bento, Inaugurado em 1 de janeiro de 1881 (Desenho do natural por Antonio Ramalho)

terados e vencer um grande numero de attritos e obstaculos que não se avaliam facilmente.

O mercado de S. Bento, segundo o relatorio que temos presente, firmado pelo gerente da companhia o sr. J. J. de Sousa Amado, custou até hoje cerca de 45:000$000 réis, e ainda lhe falta parte da cobertura de ferro e telha de Marselha, orçada em oito a nove contos de réis.

Na sua construcção collaboraram diversos, mas a parte principal foi delineada e dirigida pelo sr. E. A. de Bettencourt, que projectou e construiu o mercado de Santa Clara.

Comprehende o edificio vinte e nove lojas com porta para o interior do mercado e para a rua de S. Bento, tendo todas sobreloja, e vinte e dois logares com divisoria e balcão, contiguos aos muros que limitam o mercado pelos lados noroeste e sudoeste. A sua área excede 2300 metros, e no terrado podem installar-se centenares de vendedores. Dão-lhe entrada tres porticos de ferro d'incontestavel belleza e na parte central ha um pequeno jardim triangular, em cujos vertices se encontram marcos fontenarios á disposição do publico.

Todas as lojas e logares permanentes se acham alugados, encontrando-se ali frutas, hortaliças, aves, carne, peixe, bebidas e toda a especie de viveres; tabaco, louça, objectos de vestuario e muitos outros artigos. No terrado ha tambem em mezas volantes hortaliças e outros generos.

Se os moradores do bairro occidental souberem comprehender o seu proprio interesse, não tardará que o novo estabelecimento produza á companhia que o explora, consideraveis lucros.

A GUERRA DO TRANSVAAL

O TRIUMVIRATO BOER

Damos n'este numero os retratos de dois dos tres cidadãos hollandezes do Transvaal, que a 15 de dezembro do anno passado foram escolhidos pelos seus patricios para constituirem um governo provisorio durante a lucta que ha pouco começou para a independencia nacional. Esses tres notaveis vultos são os srs. Martinus Wessel Pretorius, S. J. Paul Kruger, e Petrus Jacob Joubert, cada um dos quaes, antes da annexação da Republica em 1877, exercera altos cargos no funccionalismo.

E M. W. Pretorius, o filho de Andries Pretorius, que d'antes era um lavrador em Graaf Reinet, na colonia do Cabo, e que foi o mais conspicuo chefe da emigração que em 1834 saiu do dominio britannico. Foi elle tambem o valente e habil commandante que depois da carnificina de 1838, derrotou o rei zulu Dingaana, e conquistou para a colonisação de brancos a terra do Natal.

Este mesmo Andries Pretorius, depois da batalha de Boomplaats em 1848 foi pelo governo britannico considerado rebelde e fôra da lei, e teve de fugir do territorio d'Orange para o Transvaal; tres annos depois foi amnistiado; e pouco depois, em 1852, viu coroados de bom exito os seus patrioticos esforços, com a negociação da convenção do rio Sand para a independencia da Republica do Transvaal. Pretorius falleceu um ou dois annos depois d'esse notavel acontecimento politico, deixando o seu nome á capital Pretoria da nova nação.

Em 1859 foi eleito seu filho M. W. Pretorius segundo presidente do Estado Livre de Orange, residindo em Bloemfontein durante os seus cinco annos do cargo. Fez diligencias para realisar uma união politica das duas republicas hollandezas, mas isso foi-lhe prohibido pelo ciume do governo britannico.

De volta para o Transvaal Martinus Pretorius foi durante algum tempo presidente da Republica da Africa Austral ali estabelecida, mas teve que dar a sua demissão em 1872 por ter exorbitado da autoridade constitucional que tinha pelo Volksraad (parlamento) annuindo com o governo britannico na questão da arbitragem do governador Keate, ácerca dos districtos occidento-meridionaes junto á fronteira de Griqualand Occidental.

Esta mesma questão foi em 1874 origem de uma amarga controversia entre sir Henry Barkly, governador do Cabo, e o presidente da Republica Burgers, á qual se deve em grande parte attribuir a posterior hostilidade do governo de Inglaterra para com o do Transvaal.

M. W. Pretorius esteve servindo de presidente interino em 1875 durante a ausencia do sr. Burgers na Europa; e parece que tem direito ao titulo individual e hereditario de campeão da independencia da sua patria. Foi elle quem presidiu á reunião das commissões de districtos a 4 de abril de 1878 em Doornfontein, depois de ter recolhido a primeira deputação mandada no anno antecedente ao conde Carnarvon com o protesto do governo republicano contra a annexação.

Paulo Kruger é um cidadão influente de Rustenburg, e um homem que apesar de não possuir uma brilhante illustração, tem grandes recursos de intelligencia. Era membro do conselho executivo da Republica presidida por Burgers, até 12 de abril de 1877. N'essa occasião foi elle um dos escolhidos pelos seus collegas, para ir com o dr. Jorissen (procurador geral da republica, e secretario de estado para os negocios estrangeiros) a Inglaterra apresentar o protesto do conselho e o do presidente Burgers, contra a annexação da republica á corôa de sua magestade.

Kruger e Jorissen sairam de Pretoria a 10 de maio, avistaram-se com sir Bartle Frère na cidade do Cabo a 4 de junho, e estavam em Londres a 12 de julho, sendo então recebidos pelo conde de Carnarvon. Ahi foram peremptoria e summariamente informados pelo nobre lord, que era de todo em todo impossivel ao governo de sua magestade admittir qualquer discussão sobre a annullação do acto de sir Theophilo Shepstone; foram portanto infructiferas todas as deligencias empregadas pelos delegados n'este sentido, frustrando-se assim o motivo que os trouxera á Europa. Disse-lhes o ministro que acabava de ser informado que o acto de sir Theophilo Shepstone se tinha realisado com grande contentamento da maioria do povo do paiz. Kruger e Jorissen não poderam n'essa conferencia desmentir positivamente o ministro das colonias, por isso que podia acontecer ter s. ex.ª recebido informações posteriores á saida d'elles do Transvaal. Podia ter havido, disseram elles, «um reviramento inexplicavel no modo de sentir do povo.» Kruger vencido, mas não convencido lá de si para si, pediu que se fizesse um plebiscito, o que lhe foi recusado por lord Carnarvon, que em seguida despediu cortezmente os delegados.

De volta á Africa Austral, no fim do anno proximamente, encontraram os seus patricios n'um estado de clamorosa indignação. Sir Theophilo Shepstone, governador do Transvaal, tinha adoptado o systema de provocar e receber discursos e mensagens, preparados por agentes seus e por negociantes inglezes, pretendentes parasitas e outros individuos inglezes e estrangeiros, nos quaes se saudava enthusiasticamente a auctoridade britannica e se apoiava o acto da annexação.

Com esta demonstração artificial da parte de um pequeno numero de habitantes das cidades, em que não entrava um unico boer, tinha lord Carnarvon sido tão grosseiramente enganado.

A agitação hostil porém cresceu e alargou-se de uma maneira tão formidavel, que sir Theophilo Shepstone se viu na necessidade de promulgar uma severa proclamação, ameaçando de castigar condignamente os turbulentos. Não obstante essa attitude energica do governo intruso, commissões promotoras da independencia se formavam em Pretoria, em Potchefstroom e n'outros centros, fazendo-se correr por todo o paiz 125 memoriaes contra a annexação. Estas memoriaes foram assignados por 6:591 cidadãos livres e adultos, em quanto outros contra-memoriaes, promovidos ao mesmo tempo em favor da dominação britannica, não obtiveram mais do que 587 assignaturas.

No *meeting* ajustado para 4 de abril de 1878, estiveram representadas todas as povoações e districtos principaes: Pretoria, Potchefstrom, Middelburg, Heidelberg, Wakkerstroom, Utrecht, Lydenburg, Rustenburg e Marico. Depois de tres dias de discussões, assentou-se em mandar segunda deputação á Europa, a qual se comporia do sr. Kruger, segunda vez, e do sr. P. J. Joubert.

Petrus Jacob Joubert, descendente de uma illustre e antiga familia de huguonotes francezes, fixada ha muitas dezenas de annos na Africa do Sul, já fôra tambem vice-presidente da Republica que governou durante alguns mezes. Não deve confundir-se com o outro Joubert que commandava as forças dos boers no combate de 20 de dezembro passado, com um destacamento do regimento 94, que é contudo seu parente proximo.

Joubert e Kruger formando a segunda deputação do Transvaal, partiram d'ali a 10 de maio de 1878, foram recebidos por sir Bartle Frere na cidade do Cabo, a quem pediram a sua cooperação amigavel e chegaram a Londres a 10 de julho. Escreveram logo a sir Michael Hicks-Beach, então secretario de estado para as colonias, foram por elle recebidos e sustentaram sobre o assumpto da reversão da annexação uma longa e interessante correspondencia, que não teve melhor exito do que as tentativas da primeira deputação.

Os retratos dos srs. Kruger e Joubert são tirados de photographias feitas por J. E. Bruton, da cidade do Cabo, e reproduzidas na *Illustração Ingleza*.

AUGUSTO DE CASTILHO.

O MEPHISTOPHELES DE A. BOITO

III

N'uns versos escriptos em 1875 por Arrigo Boito no album de M.elle Borghi-Mamo lê-se o seguinte:

Ho un libro anch'io che fu d'ella mia vita
Forte compagno

Esse livro, dil-o o proprio *maestro*, é o *Faust* de W. Goethe.

De physionomia allemã, de apparencia inteiramente allemã, a cultura litteraria do novo *maestro*, como acontece a muitos dos espiritos das novas gerações italianas, tem sido, em parte tambem, germanica.

O *forte companheiro da sua vida*, foi, como elle diz, uma das obras mais germanicas pela forma, pelo fundo, pela execução.

Basta comparar o *Fausto* com a *Divina Comedia*, Goethe com Dante, para sentir a differença fundamental da profundidade dos espiritos das duas raças, das quaes, aquellas duas obras são, em poesia, as obras supremas.

A *Divina Comedia* tem obscuridades de linguagem, de allusões, de symbolo, que um commentario sufficientemente erudito póde sufficientemente esclarecer; mas, é na sua forma, limpida, determinada, precisa, como a lingua de vogaes rutilantes, e de syllabas completamente pronunciadas em que é escripta.

O *Fausto* porém, apesar de todas as interpretações, de todas as traducções, de todos os commentarios, será sempre obscuro, vago, indeterminado, d'uma indeterminação essencial que o poema deve ter para ser grande, completo, para que n'elle se encontrem todas as regiões nervosas do espirito germanico.

Assim, Arrigo Boito educado para allemão pelas suas tendencias criticas, mas italiano incuravel de raça, deixou no *Mephistopheles* estes dois elementos completamente impressos:—allemão,—tanto quanto um italiano póde sel-o luctando contra a sua natureza,—nos trechos que teve de trabalhar, de estudar, de edificar mais sabiamente, nos quadros em que póde descrever mais friamente situações, para assim dizer, didacticas e litterarias (Prologo, 1.º acto, 5.º quadro); italiano, onde a paixão, o sentimento, a commoção, iam buscar, ao fundo do coração de homem do maestro, os seus symbolos expressivos, e, onde, commovido elle, cantava sinceramente com a vibração espontanea de nervos feitos com o firmamento, com o sol, com o idioma, com a tradicção ethnologica da luminosa Italia (4.º quadro, 3.º e 4.º actos).

Á *Introducção* wagneriana segue-se um *Prologo*, o *Prologo no céo* do poema de Goethe. *Mephistopheles* atravessa os *Aves* com que as *Falanges* celestiaes, na sua immortal serenidade, celebram o Eterno, com a ironia atormentada da sua inquieta revolta, e promette arrastar á condemnação um dos bons exemplares do

Dio piccin della piccina terra

Uma legião de *Cherubins* passa voando melodiosamente, e, depois, como se nos aproximassemos da terra, um côro de *Penitentes* se ouve implorando:

Salve Regina!
. . . . . .
Ave Maria
Gratia plena.

No acto 1.º, pela conhecida *Kermess*, o *Domingo de Paschoa*, ao som dos sinos, harmoniosamente casados á orchestra e aos coros, por entre o povo e as cavalgadas do mundo medival, Fausto e Wagner passeiam inquietos e desanimados em face dos campos primaveraes e da humanidade em festa. Se os coros não teem aqui uma grande variedade de idéas, os recitativos dos personagens principaes são cuidados com critica e conseguem ter originalidade e natural.

No 3.º quadro Fausto no Laboratorio onde tem precorrido todas as sciencias para chegar ao ponto de partida,—Deos e o Evangelho, - faz com Mephistopheles o conhecido contracto.

A romanza de Tenor,

Dai campi, dai prati

é italiana e para assim dizer d'um folego só, formada com uma rapidez definida que não teve tempo de marcar os differentes momentos da lucta immensa do espirito de Fausto.

A aria de *Mephistopheles*

Son lo spirto che nega

é o melhor trecho em toda a opera com que se desenha este character.

Aparte algumas phrases dos recitativos poderia sem duvida dizer que esse trecho era o unico.

Depois de um preludio de fundo severo, sobre que rapidamente passam effeitos mysteriosos de orchestra, entramos no rapido quartetto que constitue todo o quadro do *Jardim de Martha*, no qual todavia os quatro caracteres estão soffrivelmente esboçados.

O momento dominante da scena, o dialogo entre Fausto e Margarida sobre a religião, não se torna saliente na musica, como devia, esfumado entre todas as demais situações. Mas a descripção da casa e da vida intima de Margarida é bella e originalmente phraseada. O fi-

nal do quarteto, que em Lisboa tem agradado muito, é natural e bonito, lembrando porém, em demasia, Weber.

É n'este quadro a primeira das creações de Herminia Borghi-Mamo na opera de Boito: A Margarida despe o vestido de cauda de donzella nobre da edade media e o ar, mais *guindé*, que ideal, que Gounod inventou de collaboração com Ary Schaefer, e apparece emfim a Gretchen simples e popular do poeta allemão, na candidez descuidada e não scismadora que Borghi-Mamo tão completamente comprehendeu.

Durante todo o quadro do Sabbath, que devia ser terrivel, excentrico, grande emfim, Boito procura effeitos e idéas consoantes ás exigencias do assumpto sem, a maior parte das vezes, as encontrar.

É na prisão do 3.º acto que Borghi-Mamo canta aquella *Nenia* que o anno passado produziu o effeito extranho e profundo que tal musica inspira e que a interpretação da grande cantora forma surprehendentemente com o timbre da sua voz, a expressão da sua physionomia, a intelligencia completa da situação e dos sentimentos.

Todo este acto parece creado por Herminia Borghi-Mamo que o executa, o phraseia, e como que o põe em movimento, enchendo-o com a sua paixão, o seu delirio, as suas recordações, as suas lagrimas, os seus sonhos.

A musica de Boito tem aqui as suas melhores felicidades: a descripção das covas que Fausto deverá abrir no cemiterio, a visão de uma ilha longiqua, serena, entre as flores e as palmeiras, e o despontar da ultima aurora antes da morte.

Herminia Borghi Mamo tem aqui sempre um dos maiores triumphos que uma artista pode sonhar.

No 4.º acto Fausto vae unir-se a Helena, a forma ideal da antiguidade grega. Uma serenada, bella e tranquilla, pinta em musica os effeitos visionarios do quadro evocado.

Um bailado com um caracter que auxilia o desenho da situação, da epoca, do logar e um Hymno formal e solemne precedem a descripção da queda e do incendio de Troia feita n'um recitativo que visa a ser profundo mas que se conserva inintelligivel, e que Helena, — Borghi-Mamo — diz, com os grandes traços da sua mais larga accentuação dramatica.

A invocação de Fausto a Helena

Forma ideal purissima
Della Bielezza eterna

repetida depois com Helena e os coros, um pouco amaneirada na forma talvez, é, sem duvida, delicada e bella. O movimento seguinte, italianissimo, é no genero bem feito, para enthusiasmar uma platéa meridional.

O acto termina pianissimo, como se o sonho se desvanecesse, a pouco e pouco, no apagar das visões e phantasias.

É n'elle que Borghi-Mamo estuda attentamente a sua terceira grande creação. Helena não é por ella só representada: A maravilhosa cantora esculpe-a nas suas poses, e deixa-nos o personagem para sempre, ante a memoria, como a recordação das estatuas celebres que nos habituámos a admirar nos monumentos ou nos museus.

O Epilogo, formado por uma recapitulação de todos os motivos salientes da opera, serve a dar-lhe unidade, mas não tem por si só uma consideravel significação. A romanza do tenor

Giunto sul passo estremo
Della piu estrema età

tem phrases que se prestam a bellos effeitos de melancolia e desanimo.

Os coros celestiaes com que abre a opera recebem Fausto morto mas salvo.

Todos os traços da physionomia de Arrigo Boito que apontei como caracteristicos nos primeiros artigos, se desenham n'esta sua primeira obra dramatica.

Ha n'ella elementos importantes de impressão que vencem facilmente os publicos já de si bastante impressionaveis. Nem todos esses elementos porém estão, propriamente, na musica e poucas vezes mesmo se encontram n'alguma grande originalidade musical.

Se quizermos por um momento agora comparar as duas operas novas das duas ultimas estações do theatro de S. Carlos — o *Guarany* de Carlos Gomes e o *Mephistopheles* de Arrigo Boito, — poderemos fazer algumas aproximações que, por ventura, a critica deverá deixar registradas.

Carlos Gomes é innegavelmente uma organisação de musico á antiga italiana, quando a espontaneidade melodica bastava á arte, e ao mundo dos artistas bastavam os rouxinoes e os sabios. Nada mais.

Boito, forçando-se para ser musico, não parece sel-o com effeito tão espontanea e exuberantemente.

O *Guarany* porém, na historia da arte moderna não tem a menor significação. O *Mephistopheles* representa a intenção correctamente manifestada d'uma revolução artistica e é um documento que hade ficar na arte italiana.

O *Guarany* será, como já é hoje para Lisboa, uma futilidade esquecida. O *Mephistopheles* é um trabalho serio, pensado, que um artista e um erudito edificaram com um ponto de vista, uma theoria artistica, um intuito grave e verdadeiro e um laborioso preparo.

Carlos Gomes é, talvez, uma vocação. Arrigo Boito é já um artista moderno que é preciso conhecer e que não póde deixar de citar-se.

Se por outro lado comparamos os dois maestros em relação aos paizes de que são filhos, devo em toda a justiça dizer, que Carlos Gomes é muito mais para o Brazil nascente, do que Arrigo Boito para a Italia musical de tres seculos de idade.

FILIPPE DO AMARAL.

ERRATA. — Onde no artigo antecedente se lê, na 1.ª col. da pag. 51, l. 90: «interron se», leia se: «interrompeu-se».
Onde na l. 31 da col. 2.ª da mesma pag. se lê: «flascato», leia-se: «flechiato».

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Em conformidade com o programma estabelecido para os trabalhos do congresso de anthropologia, e das deliberações tomadas na primeira sessão realisou-se no dia 22 de setembro a primeira excursão aos terrenos de Otta e Azambuja.

Os excursionistas partiram ás 6 horas da manhã da estação dos caminhos de ferro n'um comboio especial, que em menos de uma hora os conduziram ao Carregado. D'ahi foram transportados em duas horas por viaturas ordinarias á charneca d'Otta. O aspecto pittoresco dos terrenos que se avistam da estrada causaram agradavel sensação nos visitantes.

Uma commissão havia sido nomeada pelo congresso para estudar os terrenos, a qual era composta dos srs. Andrade Corvo, Carlos Ribeiro, Mortillet, Evans, Virchow, Choffat, Cazalis de Fondouce, Cartailhac, Cotteau e Vilanova.

A charneca d'Otta, como a descreve o sr. Cartailhac, é um vasto planalto cercado de profundos corregos. A vegetação enfezada geralmente não encobre o terreno, andando-se por isso sobre um solo descoberto que passa da areia fina ao *pudim* de grandes elementos. Um grez ferruginoso agglomera os calhaus, quasi todos muito rolados; apparecem porém á superficie da terra quartzites que evidentemente se fendem e quebram, por modo tal que faz lembrar a fórma dos falcos de uma maçã.

Juntos com os calhaus rolados encontram-se bichoiros de silex, geralmente maiores, attingindo por vezes o diametro da mão; teem arestas e superficies mais ou menos vivas e apresentam vestigios de britamento pelo choque. Muitos d'estes silex quebram-se naturalmente, mas seus fragmentos não apresentam o *bolbo de percussão*.

Alguns silex colhidos e n'esse terreno apresentam este caracter, acceite unanimente pelos especialistas como indicativo da acção intencional da mão do homem, sendo mais frequente o seu encontro nos sitios onde os seixos abundam. Apresentam alguns uma *patine* differente da dos specimens, talhados ou não, que as camadas fornecem; o que se viu, especialmente em um grande *raspador*, de superficie branqueada que foi apanhado pelo sr. Leonce de Quatrefages.

Como os agentes atmosphericos tem aberto escavações profundas de bordos verticaes por varias partes, poderosamente nos recostos do Monte Redondo que domina a chapada, não se julgou por isso necessario abrir trincheiras; comtudo apesar d'esses sulcos facilitarem poderosamente o exame geologico do terreno, nada forneceram de importante, porque tambem poucas pessoas n'elles pesquisaram.

Depois do lunch, foi-se examinar outra localidade, o cabeço do Archino onde um corte havia sido preparado. Reconheceu-se então perfeitamente a sobreposição de um terreno encerrando varios fosseis terciarios, entre elles restos de *hipparion*, ao grés ferruginoso que contem os silex falhadas. A questão geologica ficava pois completamente resolvida, segundo a classificação indicada pelo sr. Carlos Ribeiro, e outros geologos portuguezes.

Um pouco fatigados da violenta excursão d'esse dia, voltaram os congressistas a Lisboa para continuarem as suas sessões.

(Continúa.) R.

FINIS

I

(A SILVA PINTO)

Virá, passados cyclos, um momento
De horror supremo e aperto sem segundo,
Em que a immensa fabrica do mundo
Retremerá caduca em seu assento!

Creaturas, orbes, soes, o firmamento...
O Universo convulso, moribundo,
Descenderá do Nada ao mar profundo,
Que fechar-se-ha sobre elle somnolento!...

Alto silencio, nunca interrompido,
Succederá, sem fim!... A Vida, o Ente,
A Natureza, que terão, pois, sido!...

Visão confusa, sonho, phantasia,
Que, rapida, cruzou a obscura mente
Da silenciosa Immensidão sombria!

II

(A ANTHERO DE QUENTAL

Breve sonho terá sido a Natura!
Tenue vapor, que da amplidão sombria
Do Cahos se levantou, onde fervia
A Materia confusa, informe, impura;

Cruzando o espaço, qual nuvem escura,
De seus lados, a trechos, despedia
Vago clamor de angustia e de alegria...
E desappareceu na negra altura!

O Ser, a Vida universal, a Historia,
Entre esses dous abysmos, terão sido
A transição phantastica, illusoria!

E quando em trevas se hajam afundido,
Cobrirá d'essas sombras a memoria
O sempiterno e silencioso olvido!

III

(A NARCISO DE LACERDA)

Cumprir-se-hão os tempos: a Existencia
Chegará ao seu termino remoto;
E de cima virá, tremendo, ignoto,
O sopro da suprema Omnipotencia!...

Ao impulso invisivel, toda essencia
Se desfará, como disperso e roto
Gyra o nevoeiro ao impeto do noto!
Como se esvae dos sonhos a apparencia!

Sim! qual phantasma pallido e sombrio,
Resolver-se-ha o Todo prodigioso,
Sobre o fundo immutavel do vazio!...

E nas trevas immoveis, no repouso,
Só se ouvirá do solitario Trio
O perpetuo colloquio mysterioso!...

FRANCISCO DE ALMEIDA.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

IV

Poucos dias depois foi ao convento convidado pelo Guardião. Este veio recebel-o á portaria, e com grandes mostras de attenção e respeito o abraçou e beijou nos olhos e o guiou para a cerca.

Chegados ahi, não obstante cercal-os a communidade fallaram algum tempo *despejados* e em segredo. Apertava muito o frade porque Frei Francisco lhe dissesse quem era, e como esse se escusasse sempre, respondendo que era um pobre gentil-homem que não ia a elle para lhe dizer quem era, senão para outro fim, o Guardião lhe tornou que elle proprio lhe diria quem era, e affastando-se ambos para sitio mais apartado da demais companhia que ali estava, afim de não serem ouvidos, lhe descobriu a testa, dizendo:

—Bem sei que sois um grande senhor da ge-

ração do nosso beato Amadeu, e ainda vireis a ser um grande monarcha.

— Estaes muito enganado, se tal suppondes, replicou Fr. Francisco.

— Não pelejemos por isso, tornou o Guardião, e vinde commigo.

Guiou-o então á capella do beato Amadeu, onde havia um retrato do santo, que todos diziam parecer-se muito com Fr. Francisco.

Como este não ficaria lisongeado com semelhante declaração, e como tal acaso, e as revelações do chocarreiro não embelecariam os frades!

D'ali foram para a cella onde tiveram o seguinte colloquio:

— Quereis, segundo me disseram, alguma reliquia do nosso santo Amadeu?

— Bem deveis crêr qual será o meu empenho, dizia o portuguez, aproveitando-se da illusão do frade.

— Percebo, porem não imaginaes, tornava o frade, quão difficultosa e perigosa coisa é essa.

— Imagino, mas não o julgo impossivel.

— Sabei que já em annos passados veio aqui ter um fidalgo vosso patricio, segundo tenho ouvido, e suspeitando a cidade que elle pretendia levar reliquias do seu santo, amotinou-se levantando-se o povo contra elle, que a muito custo deixou de ser victima.

— Sim, mas isso foi em tempos mais antigos, porem hoje, a occultas, sem que ninguem saiba, com a amisade do governador e principes nobres, e com a fama entre o povo, de que sou irmão do chocarreiro, quem se lembrará de tal?

— Ha ainda outra difficuldade, dizia o manhoso do frade, este sagrado deposito está debaixo de tres chaves das quaes eu só tenho uma.

— Querendo vós, tudo se aplanará.

Passadas mais algumas conversas se despediram.

Quatro ou cinco dias depois voltou Frei Francisco ao convento, e indo á sachristia, na presença de outros frades lhe deu o guardião um pedaço do manto e do cilicio do mesmo beato.

D'ali foram á cella onde se entretiveram e merendaram, e onde o guardião lhe prometteu que em tempo opportuno lhe daria parte de outras grandes reliquias do santo.

E' escusado dizer que o portuguez regalava os frades amendadas vezes com serviços de fructas, caça, doces, e lhe mandava como esmolla dinheiro, pannos para habitos, e outras coisas que ou lhe lembravam ou o guardião lhe pedia. Visitava-o frequentes vezes, não descontinuava a sua conversação, e este commercio durou uns seis ou sete mezes.

Que mina que o guardião e o convento haviam encontrado!

Emfim o portuguez não cessava as suas importunações, e como frei Jeronymo já se achava bem convencido da eficacia dos seus desejos, por tantas e tão repetidas provas, uma tarde passada a paschoa florida em que aquelle foi ao convento com o seu companheiro, fingindo o guardião sair, recolheu-se á sachristia, com aquelles e o sachristão, um pobre velho leigo. Cerradas as portas, em muito segredo e silencio, vestiu Frei Jeronymo uma sobrepeliz, deitou uma estolla, e ordenou ao leigo trouxesse os cofres onde se guardam as reliquias. Abertos elles, aquelle onde estavam tres espinhos da coroa do Salvador, tirou um e deu-lh'o, e Frei Francisco tomou outro, e apesar do guardião não querer consentir, tanto porfiou que lh'o deixou, e assim lhe deu varias outras reliquias.

Mas antes de lh'as dar, quando entraram na sachristia, dissera Frei Jeronymo que só lhas mostraria e lhe daria um pedaço de Santo lenho, porem o portuguez tirando-o á parte lhe disse:

— Qual é a causa porque não cumpris o que tanto me haveis promettido? tendes-me illudido até agora para isto?

— Oh! não, a minha vontade era boa, mas crêde-me, temo o saibam meus companheiros, e ficarei perdido; é coisa que não posso fazer sem o seu consentimento.

— Não me enganeis mais; eu bem sei que se quizerdes o podeis fazer sem que elles o saibam.

— Perdão, mas...

Andai, andai, vós bem sabeis quem eu sou, e que hei-de vir a ser grande monarcha, e podeis ficar certo que então eu vos recompensarei, fazendo-vos grande senhor e bispo...

Frei Francisco era habil, e tocara a corda sensivel do guardião; este exultando de alegria o abraçou e beijou, e pensando nos presentes passados e no bispado futuro, resolveu-se então a abrir os cofres, como dissemos.

Depois passou-lhe um documento sellado com o seu e o sello do convento, confessando a authenticidade das reliquias.

Esta entrevista foi recompensada pelo nosso aventureiro com um serviço de trinta capões, doces confeitados e vinhos. O presente era tão grandioso que Frei Jeronymo, temendo-se não suspeitassem do motivo acceitou a menor parte, devolvendo o resto.

Frei Francisco trouxe sempre as reliquias em uma nomina comsigo. E não perdendo o desejo de ir a Jerusalem partiu com seu companheiro para Veneza, com tenção de embarcar-se para lá; as noticias porem da armada dos turcos obrigou-os a desistir do intento.

Voltaram a Milão. D. João de Figueiró tinha deixado o governo, e era então governador o duque de Sessa, no qual encontraram o mesmo gasalhado que o primeiro lhe dispensára.

Aqui succedeu ser morto em um tumulto o seu amigo chocarreiro, que o deixou herdeiro da sua fazenda. Fez-lhe o nosso aventureiro solemnes exequias, em que despendeu longamente, tendo ainda questão a respeito da herança, que afinal poude recolher.

(Continua) JACINTHO PERES.

GUERRA DO TRANSVAAL

S. J. PAULO KRUGER

P. J. JOUBERT

(Segundo photographias de I. E. Bruton)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO, tom. I, n.º 1.º — Outubro e dezembro de 1880. — Porto, Impr. Internacional, rua da Victoria, 166, 1881 — 4.º de 38 pag. — Contém os Estatutos, a acta da sessão inaugural, lista de socios, communicações, etc.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA, Ernesto Chardron, editor, Porto, 1881, o n.º 2 do 3.º anno. — É o boletim publicado pelo infatigavel editor-livreiro, interessante a muitos respeitos.

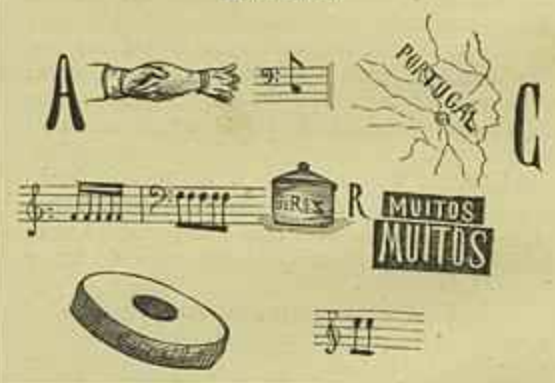
BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, **Historia de Portugal...** Lisboa, David Corazzi, editor... 40, rua da Atalaya, 52 — com 64 pag. — É este o primeiro livrinho de uma util collecção de — *propaganda de instrucção para portuguezes e brazileiros* — assim chamada pelo corajoso editor, e como abertura de uma tal tentativa, merece o favor do publico pelo bem desempenhado do programma, que desejamos ver proseguida com a mesma exactidão. Este folhetinho da *Historia de Portugal*, devido á penna de um illustrado e consciencioso trabalhador litterario, dá mais noções exactas sobre a nossa historia do que a maior parte dos resumos até hoje conhecidos. Pela primeira vez se fez acompanhar uma historia portugueza, embora pequena e de pouco preço (50 rs.) de retratos de personagens celebres, entre os quaes alguns dos antigos reis, cujos trages, como os representam por ahi outras historias e ainda alguns jornaes modernos, estão em completo desaccordo com a época em que viveram. N'este pequeno opusculo os trages estão cuidadosamente estudados, e até, por exemplo, D. João I que até aqui tem figurado de barbas aparadas, contra o estylo do seu tempo, e o depoimento da sua estatua tumular na Batalha, é representado por maneira que se aproxima d'aquella estatua e do conhecido retrato de seu filho o infante D. Henrique. Alongámo-nos mais n'este ponto, por vermos a primeira vez aproveitarem-se os conhecimentos archeologicos em trabalhos para o ensino do povo.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, *por Francisco de Almeida*, fasciculo 17.º, 48 pag. — Editor, Livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa. — Este fasciculo contém desde a palavra *Anneville* até á palavra *Anthologia* e é illustrado com gravuras, incluindo um retrato do fallecido pintor portuguez Thomaz José da Annunciação.

Continua a publicar-se com a maior regularidade.

OS LUSIADAS, fasciculo 13.º, Emilio Biel, editor, Porto. — Saiu á luz mais este fasciculo d'esta esplendida publicação, sem duvida a mais luxuosa que se tem publicado em Portugal.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Homem pobre taça de prata caldeirão de cobre.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6